SAINT-EXUPÉRY, NA MARGEM DOS AMIGOS[1]

Daniel de Oliveira Gomes

RESUMO: *Em síntese, no presente estudo, visamos uma leitura teórica tendo como tema específico a questão blanchotiana da amizade e da leitura. Procuraremos lançar, num segundo momento, uma análise sobre algumas fotografias e sobre o pensamento do escritor francês Antoine de Saint-Exupéry.*

PALAVRAS-CHAVE: *Saint-Exupéry. Amizade. Leitura.*

ABSTRACT: *The present study aims firsty at a theoretical reading, regarding the blanchotian question of friendship and reading as a specific theme. Secondly, we will try to analyze some photographs and trhoughts of the French writer Antoine de Saint-Expéry.*

KEYWORDS: *Saint-Exupéry. Friendship. Reading.*

I

Antes de lermos Saint-Exupéry (talvez, dentre os escritores franceses, um mito dos mais viajados e cheio de amigos que se pode lembrar), tal como o queremos, ou seja, "na margem dos amigos", entendamos um pressuposto basilar - o que relaciona, teoricamente, a leitura com a questão da amizade. Poderíamos começar desatrelando da seguinte afirmação: o leitor é a figura necessária da amizade.

No entanto, como entender a amizade, em Saint-Exupéry, quando já não há o seu oposto? Quer dizer, quando este escritor constantemente (sa)bota no interior de uma crise o binômio amigo/inimigo? Para a literatura de Saint-Exupéry, muitas vezes não há distinção opositiva, binomial, entre o rival e a essência do amigo. Basta ler, cuidadosamente, infinitos trechos de *A Cidadela*: "Eu por mim digo que amigo e inimigo são palavras de tua lavra" (SAINT-EXUPÉRY, 1982, p. 93), ou, por exemplo, "eu aceito inteiramente meu adversário, no entanto o recuso" (SAINT-EXUPÉRY, 1982, p. 200), etc...

Veremos, em seguida, que, neste sentido, ocorre um determinado elo com Maurice Blanchot, grande aventureiro no tema da amizade. Mas, então, como comporta-se a figura do leitor? Comporta-se, não apenas como testemunha, um espião, mas, de modo *sine qua non,* na qualidade de um "companheiro" do abandono, do caminho possivelmente cheio de arrependimento, como dirá Blanchot (1991, p. 53), de se "ter perdido o silêncio", comporta-se como o aliado dos meandros desta solidão abismal que é a escritura.

O cão e o lobo vivem em comum na façanha do amigo.

> Mais, auparavant, il faut rappeler que le lecteur *n'est pas un simple lecteur*, libre à l'egard de ce qu'il lit. Il est souhaité, aimé et peut-être intolérable. Il ne peut savoir ce qu'il sait, et il sait plus qu'il ne sait. Compagnon qui s'abandonne à l'abandon, qui est perdu lui-même et qui en même temps reste au bord du chemin pour mieux démêler ce qui se passe et qui ainsi lui échappe. (BLANCHOT, 1983, p. 43)

A leitura – como aprendemos com Blanchot – é uma vertigem absorvente de amizade, espaço-ritual de intercambialidade que não se esvai ou se definha pelo fato do leitor não ser tão-somente um simples leitor (a passividade receptiva clássica), mas possuir um laço companheiro, aliança amigável, uma exclusividade sem fundo com o escrito que lê. Blanchotianamente, o momento da leitura é encarado como uma assimilação única e excepcional, de esponjosa intimidade. Não há uma

[1] O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq - Brasil.

distinção entre obra e análise, entre o poema e a leitura do poema, por exemplo, pois o poema somente se torna obra na singularidade exclusiva da leitura.[2] Não apenas o gênero do poema, ou mesmo a literatura como um todo, mas Blanchot, também escritor de ficções, aponta para o fato dessa estima com o que é lido, onde a leitura passa a ser uma prova singular de afeição que nem ela mesma pode se repetir. A leitura se oferece como o instantâneo de uma simpatia - precipício aberto de um efeito novo e inesgotável - e, assim, põe em risco a durabilidade da interpretação prevista na hermenêutica mais historicista (risco de onde partiu também Foucault para debruçar-se sobre a questão da autoria e do nome próprio).

Circulando sob o tema da leitura e da amizade, bem antes de esboçarmos um contato direto com os textos de Saint-Exupéry, que será feito nas páginas finais deste artigo, pensemos um pouco, de início, num dos nomes que tem muito a ver com Blanchot: Michel Foucault. A mudança de perspectiva histórica de um olhar que apura assuntos, filosófica ou cientificamente, mas não mais acredita numa totalidade do real e da verdade, no sujeito enquanto uma densidade, ou entidade, fixada, etc, é o (um) alicerce na abordagem foucaultiana. Inclusive, afirmará Anna Poca, certa vez,

> tal vez sean los libros de M. Foucault, no cesamos de constatarlo, los que operan la inversión más radical de la imagen propuesta por la lógica de la producción literaria blanchotiana: su quehacer excéntrico, pues la imagen extraña la verdad y no la entraña. Su lección todavía resuena de este modo sigiloso: hacer funcionar ficciones en el interior de la verdad... (POCA, 1992, p. 106)

Tais recusas e desconfianças são fundamentos para todo um modo de se instituir e contemplar uma pluralidade temporal em detrimento de uma ambição historicista, global e unívoca. Foucault, que em *O que é um autor?* pensará, analítica e prodigiosamente, o jogo da função autor e do desaparecimento do escritor, firmou suas bases sólidas e ilimitadas precisamente nestas recusas. Quer seja: a recusa do pensamento uno e global, o pensar totalizante da duração, o soberbo exercício sintetizador dos historiadores dentro de um sistema de causalidade, de expressão evolutiva, a centralização do sujeito e do herói como um contínuo, a maneira de ver as funções da identidade, na sociedade, nos discursos ocidentais, e assim por diante...[3]

A universalidade do histórico, dos nomes próprios no discurso da História, é uma recusa de Foucault, assim como a amizade é um conceito em Blanchot que emerge visando negar o processo de leitura de um tex-

[2] "[...] Ler um poema não é ler ainda um poema, nem mesmo é entrar, por intermédio desse poema, na essência da poesia. A leitura do poema é o próprio poema, que se afirma obra na leitura, que, no espaço mantido aberto pelo leitor, dá nascimento à leitura que o acolhe, torna-se poder de ler, comunicação aberta entre o poder e a impossibilidade, entre o poder vinculado ao momento da leitura e a impossibilidade ligada ao momento da escrita [...]" [BLANCHOT, Maurice. A obra e a comunicação. In: *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 198.]

[3] Dosse explicará que Foucault passa, por sua vez, a permear fenômenos mais específicos, evidenciando multiplicidades de interpretações heterogênias, arremessando-se nelas, essas aberturas e brechas de base invisível. Em 1969, Emmanuel Le Roy Ladurie dirá que: "A introdução à *Arqueologia do Saber* é a primeira definição da história serial" [*Apud* DOSSE, 1992, p. 183].

to segundo parâmetros repetíveis, globais, unívocos, centrais. A idéia de percepção, aqui e ali, é a de um ritual de encontro nas margens. Quer dizer, não se trata mais da procura de inteligibilidade de um centro, mas a de percepção perambulante de um contorno do real, a névoa, o perímetro, a orla, o circuito obscuro, o insuportável, o sorvedouro de uma busca no espaço da periferia, uma busca dos amigos. Como diz Dosse,

> a figura do historiador dos tempos novos, segundo Michel Foucault, é a do vagabundo que busca, nas margens do social, os fantasmas do passado e o discurso dos mortos. Não tem mais por finalidade a percepção do centro, mas o contorno do real. Remete-se à periferia após haver ocupado o coração distribuidor dos vasos sangüíneos que irrigam a sociedade. (DOSSE, 1992, p. 186)

Ou melhor, por mais exaustiva ou intensa, cada interpretação é uma suavidade única e irrefreável de sentido. Há um atrevimento em Foucault, ao mesmo tempo em que há uma certa ornamentação leviana, um atavio, o levante de um novo compromisso, mas parece ser esse mesmo o pacto travado com o sentido de toda interpretação. O movimento da interpretação é antes o de uma pluma capaz de flutuações, de derivas, até guiada por aragens caprichosas, ousadas, do que o de um peso vertical, imantado, que corta a atmosfera da incompreensão, do vazio primitivo, e fixa a coisa entendida num ponto terreno de estabilidade final. Toda leitura é a dobra de um processo muito estranho. Porque neste muito dizer, de alguns escritores ou historiadores, neste dizer audaz cuja excentricidade leva, ás vezes, a um brilho e uma brandura, há igualmente um silêncio, um respeito ao silêncio e à solidão da fala, um respeito à amizade.[4]

Proust, por exemplo... Sua impossibilidade de tocar, direta e definitivamente, o leitor, germina-se do senso estilístico de uma voz ruidosa, vazia, que se arremessa, exposta como uma tagarelice, um silêncio fatal também, a descrença numa univocidade de sentido de cada descrição, o inadmissível contato com o amigo esperado. A amizade na leitura comporta, então, quase esse senso de um nome próprio cuja intensidade referencial só existe ali, naquele tempo de encontro com o escrito, um encontro tão amigável que jamais se repetirá, pois acaba de morrer em seu nascimento. Toda interpretação está submetida à celebração dessa regra silenciosa, sem volta, do companheirismo, cada leitura é sempre um esquadrinhamento único e particular, mesmo que leiamos o mesmo texto duas, ou cem, vezes.

Como falará Alain Finkielkraut (2000, p. 149) "o próprio Proust, que não acreditava nem na amizade, nem na conversação, celebra o coló-

[4] Dirá Benjamin, sobre o estilo que ecoa nos romances de Proust: "[...] y el parloteo más que ruidoso, huero de todo concepto, que brama hacia nosotros desde las novelas de Proust, no es mas que el ruido con el que la sociedad se hunde en el abismo de esa soledad. Este es el lugar de las embestidas de Proust contra la amistad. La calma en el fondo de este vertice - sus ojos son los más quietos y absorventes - debe ser preservada. Lo que en tantas anécdotas se manifesta irritante y caprichosamente es que la intensidad sin ejemplo de la conversación va unida a una insuperable lejanía de aquel con quien se habla. Jamás há habido alguién que pudiera mostrarnos las cosas como él. El dedo con el que señala no tiene igual. Pero en la compañia amistosa, en la conversación se da otro gesto: el contacto. Dicho gesto a nadie le és más ajeno que a Proust. No es capaz de tocar su lector y no lo es por nada en el mundo [...]" [BENJAMIN, Walter. Una imagen de Proust. In: *Imaginación y Sociedad. Iluminaciones I*. Trad. Jesús Aguirre. Madrid: Taurus, 2001, p.31.]

quio silencioso da leitura...". Dirá Proust sobre essa intimidade nascida do desejo de leitura:

Esses amigos, se passamos nossas noites com eles, é verdadeiramente porque temos esse desejo. Pelo menos, nós só os deixamos partir, muitas vezes com pesar e contragosto; e, quando nos separamos, não fica conosco nenhum daqueles pensamentos que estragam uma amizade: que pensaram eles de nós? Teremos mostrado pouco tato, fomos imprudentes? Teremos agradado? - E o receio de ser esquecido pelo outro. Essas agitações da amizade expiram no limiar dessa amizade pura e simples que é a leitura. (PROUST, 1987, p. 27)

Para Proust, como vimos, a amizade está contida na sinceridade desse desejo que nos instiga a um encontro que sabemos efêmero e marginal, pois logo há uma separação, porém, a distância entre leitor e a pura e simples amizade que é o ato da leitura, não é algo que abala a força de tamanho encontro. Ler é o desfrute de um encontro que nos executa o efeito amnésico capaz de nos libertar da preocupação sobre o que o outro pensa ou julga de nós, como nos olha.

II

Pois a verdadeira amizade é - como exprime Antoine de Saint-Exupéry - o olhar mútuo para uma mesma direção e não o puro olhar de um ao outro. O que os dois amigos são, em separado, pouco importa para a missão da amizade, para a efervescência dessa comunhão de dois olhares para um mesmo plano. Assim, aquele que narra, juntamente com o seu leitor, encontram-se um e outro na efetuação da leitura como partidários, aliados, colegas íntimos, entidades eróticas que visualizam um mesmo ensejo, também uma mesma "arena" de operações criadoras.

Liés à nos frères par un but commun et qui se situe en dehors de nous, alors seulement nous respirons et l'experience nous montre qu'aimer ce n'est point nous regarder l'un l'autre mais regarder ensemble dans la même direction. Il n'est de camarades que s'ils s'unissent dans la même cordée, vers le même sommet en quoi ils se retrouvent. (SAINT-EXUPÉRY, 1956, p. 232)

Essa metáfora do encontro de visões para um mesmo plano, formulando um mesmo rosto idealizado, um ímpeto mútuo, é algo que Saint-Exupéry (ao que se sabe, grande leitor de Nietzsche e nisto muito amigo de Foucault e Blanchot) retoma também em outros livros.

Cidadela (publicada, em 1948, pelo seu amigo o coronel Gaivoille), extensa e inacabada obra - cujo estilo navega entre uma filosofia ontológica, até teológica, e uma poesia muito íntima, repleta de metáforas particulares - é uma das fontes mais interessantes na literatura exuperyana para se pensar a questão da linguagem e também do sentido da amizade. Em muitos momentos na leitura de tal obra, temos uma certeira definição da amizade que, antes de tudo, seria o subentendimento de uma região de unidade (um mesmo desejo de leitura) compartilhadas pelo olhar daqueles que são amigos. Para Saint-Exupéry, é digno do nome de amigo quem, primeiramente, te abre uma porta única, "aquele que não julga".

Lembremos que Saint-Exupéry foi um grande leitor de filosofia, e que, sabidamente, Nietzsche constava como um dos seus nomes preferidos, em especial na maturidade do escritor. Nietzsche (2004, p. 190), o mesmo autor que, num aforismo, definiu o seguinte: "*O amigo não mais desejado*. - O amigo cujas expectativas não podemos mais satisfazer preferimos ter como inimigo". Interessante remeter às palavras que o próprio Nietzsche (2004, p. 9) usará, logo no prólogo deste livro. Ao escrever em primeira pessoa, ele chama os seus leitores de "meus pacientes amigos". Nesta inspiração nietzscheana, em que o companheiro idealizado é "paciente", onde um amigo, a princípio, jamais é o "agente", o nosso "juiz", mas antes o alvo móvel no sentido do próprio alvo de nossos desejos e expectativas, uma vez que se o deixa de ser, também rompe o laço de amizade, onde as expectativas eram cumpridas.

Se, para Proust, igualmente não há julgamentos diante das agitações da amizade que "expiram no limiar dessa amizade pura e simples que é a leitura" (POULET, 1997, p. 27), valeria, a esse respeito, tentar ver em como a figura do amigo está, em Saint-Exupéry, de diversos modos associada à ausência do amigo e, às vezes ainda, ao próprio inimigo, no plano biográfico. As primeiras palavras que lemos, por exemplo, ao abrir a principal coletânea de documentos, cartas e reflexões de Saint-Exupéry, seus chamados *Escritos de Guerra*, são exatamente as seguintes palavras do prefácio de Raymond Aron, que jamais se encontrou pessoalmente com o escritor: "Amigos de Saint-Exupéry pediram-me para escrever algumas páginas de reflexão". Da mesma maneira com que Raymond Aron ali autoriza-se ao se aproximar de uma intimidade sobre o seu próprio papel e o que se segue ("amigos" de Saint-Exupéry pediram-lhe - e não qualquer pessoa, não meramente um editor, com interesses comerciais, por exemplo. Eram interesses mais cordiais...), precisamente é isso mesmo o que o distancia um pouco de uma noção-limite de amizade. (Raymond não o conheceu pessoalmente, é apenas

um amigo dos amigos do autor, um segundo *topos*, uma segunda argola, um anel pendurado, da corrente que consiste nos que o conheceram).

E, algumas linhas depois: "Se finalmente me rendi a uma amigável insistência, foi porque, eu mesmo...". Interessante como ocorre a justificativa e o fortalecimento de um prefácio e, principalmente, como ele assimila esse tom íntimo da amizade particular do autor, por um lado, e, por outro, a torna um pouco desventurada.

Ao se render à audácia de fazer o prefácio, ao dobrar sua vontade quando perante solicitações insistentes, porém amigáveis, Raymond busca assinalar uma espécie tática de beleza plácida, a da vida galante, pomposa, e ao mesmo tempo ligada às fatalidades, à brutalidade da guerra, uma beleza combatente, própria da graça militar exuperyana. A pompa da vida aventureira de Saint-Exupéry, propõe uma híbrida beleza, assim como exprimirá Baudelaire, sobre a especificidade da beleza militar: uma "mescla de placidez e de audácia" (BAUDELAIRE, 1996, p. 46). É possível dizer que essa mescla contamina Raymond e a desenvoltura de suas palavras, o caráter heróico de uma amizade intocável, o amigo dos amigos do piloto, o anula como um sujeito (inimigo) que "se rende".

III

No mesmo livro, veremos que, nas maiores fotos do comandante Exupéry, ele aparece sozinho:

FIG.1. Outono de 1939, em Toulouse-Montaudran. Julho de 1944, em Bongo, Córsega. [*Escritos de Guerra*, 1982, p. 15-16.]

As fotos tomam, verdadeiramente, conta da página, o escritor está sempre em lugares diferentes, apenas acompanhado de seu cigarro e seus

uniformes de piloto. O fotógrafo o coloca em posição elevada, talvez ajoelhou-se para tirar a foto, o que aponta para uma dada nobreza e circunspecção a serem levadas em conta. A única foto, nesta edição de *Escritos de Guerra*, onde Saint-Exupéry surge conversando com um amigo, desponta de um plano focal exageradamente superior (criando uma esfera íntima), há algo de diferente, ocupando apenas a metade do tamanho das outras e deixando o resto da página em branco. É de 41, na casa de Bernard Lamotte. As sombras cobrem os rostos, uma foto onde não se pode ver quaisquer detalhes físicos do escritor e que chega a confundir a percepção de quem é quem naquele jardim ou terraço.

FIG. 2. Advertência: "Direitos de fotografia reservados". [*Escritos de Guerra*, 1982, p. 18.]

Além desse brando apagamento dos traços do escritor, ainda por cima, segue-se, logo abaixo, somente nessa foto, uma minúscula frase - "Direitos de fotografia reservados". A frase confere uma importância autoral e cautelosa a uma foto específica, aquela onde justamente surge o amigo. Aliás, os amigos se mesclam como, talvez, os *status* de suas benevolências, suas estimas, seus enlaces, nesse retrato. Há uma circunspeção, um retraimento, bem como, um peso proibitório, imperativo, que quebra com qualquer intimidade, nos suprime da situação íntima e alegre de leitores para, subjetivamente, localizarmo-nos numa posição hostil até.

Em outros termos, fica implícito que nossa confiabilidade está em risco, podemos maldosamente reproduzir, violar, alterar os direitos dessa fotografia em que Saint-Exupéry e seu amigo aparecem, o que, evidentemente, provoca uma aversão a essa nossa nociva face. Podemos violar a amizade, a alegria, dos dois, mesmo amortecidos num outro degrau da amizade (a leitura), sem jamais sermos amigos íntimos de um ou outro, de Saint-Exupéry ou dos donos da fotografia (a família de Lamotte, ou ele próprio, talvez). A advertência, ali colocada, nos remete, imediatamente, a uma função inimiga, uma função que empossamos sem saber.

Há todo um estranhamento (triste e alegre) no despertar dessa função. Veja-se que, no entanto, ela surge onde somos de igual modo amigos - leitores - avisados, prevenidos, de antemão do valor que ela representa para aqueles que a cederam, num regime cabal de propriedade que deve ser respeitado acima de tudo. Somos, então, nesta relevância que nos é atribuída, como que sujeitos exilados de uma classificação, de uma propriedade nominal, segura, perdemos a possibilidade tópica de um nome próprio, somos estranhos. Barthes, em *Fragmentos de um discurso amoroso*, trabalha o termo *atopos* como sinônimo de inclassificável – "l'autre est inqualifiable (ce serait le vrai sens d'atopos)" (BARTHES, 1977, p. 44) – e é aí mesmo onde nos encontramos, na inocência de uma estranha atopia.

De igual maneira, nos recorda Bauman, para quem o conceito de "estranho" equivale a um fracasso da oposição dicotômica amigo/inimigo, assim sendo, a um pleno "indefinível", um membro dessa família do *atopos* (qualificação dada a Sócrates por seus interlocutores, e não apenas o "não-definido", o "não-classificado"):

> O estranho entra no mundo real e se estabelece aqui, tornando-se assim relevante – ao contrário daqueles que são meramente 'não-familiares' – quer seja amigo ou não. Ele entrou no mundo da vida sem ser convidado com isso lançando-me para o lado receptor da sua iniciativa, transformando-me no objeto da ação de que ele é o sujeito – tudo isso, lembremos, é a marca notória do *inimigo*. Mas ao contrário de outros inimigos 'sinceros', este não é mantido a uma distância segura nem do outro lado da linha de batalha. Pior ainda ele reivindica o direito de ser um objeto de *responsabilidade* – o bem conhecido atributo do *amigo*. Se lhe impomos a oposição amigo/inimigo, ele fica ao mesmo tempo sub e sobredeterminado. E assim, por extensão, expõe o fracasso da própria oposição. Ele é uma ameaça constante à ordem do mundo. (BAUMAN, 1999, p. 68)

Neste mesmo livro de Saint-Exupéry, temos, também, uma carta endereçada ao general Brosset, general que o escritor conhecera por intermédio de outro amigo, chamado General Mast. A carta se intitula "Com meus companheiros até o fim" e finaliza com a frase "Creia, meu general, em minha respeitosa amizade, Saint-Exupéry" (SAINT-EXUPÉRY, 1982, p. 490). Aliás quase todas as cartas de Saint-Exupéry possuem esse tom fraterno, alegre, e celebram carinhosamente a amizade: ou um pouco antes de sua assinatura, ou no início da carta, após o nome próprio do destinatário. Mais que tudo isso, podemos refletir também a atopia da "distância do amigo" nesse indício do capricho exupéryano.

A amizade, em suas correspondências, é justamente potencializada e preconizada por uma distância estabelecida pela guerra, pelo inimigo. A amizade não é, então, uma genuína alegria do encontro, da identidade, da referência imediata, da fixação do nome próprio, mas ela conecta-se, não raro, com uma advertência, como vimos, um recolhimento e uma tristeza.

Podemos ver uma tristeza que desespera Saint-Exupéry, por exemplo, em julho de 1940, quando ele escreverá a carta "A amizade, exercício das almas...", um pouco antes dele se dedicar ao trabalho que chamará de *Cidadela*. Ali, ele dirá estas frases: "Estou triste, mais do que é possível" ou "Estou completamente desesperado"... E logo abaixo temos a declaração do biógrafo: "É nesses dias de tristeza que Saint-Exupéry vai ver seu amigo Léon Werth." É essa solidão do *topos*, de meandros privados de todos os outros, um lugar sitiado por outros como uma cidadela, mas que se recorta, nessa solidão, da própria possibilidade de ser um lugar como os que o circundam, é isso o que faz com que a amizade associe-se, enfim, com uma intrínseca e estranha relação com o seu contrário. A ameaça dos inimigos, o espectro dos amigos distantes, juntam-se a esse sentimento de se estar só.

Muitas descrições de Proust tendem, de modo semelhante, a uma particular solidão e tristeza de uma ausência de *topos*. O personagem proustiano mostra-se, não raro, privado de seu lugar próprio. Como dirá um dos mais notáveis críticos de Proust, Georges Poulet: nele, o lugar é recortado do mundo, "tal como uma cidadela sitiada" (POULET, 1992, p. 19). É ótimo esse apontamento de Poulet porque aqui lembramos, evidentemente, de Saint-Exupéry, escritor que também pareceu estar, tanto ele mesmo (quando escreveu o livro para o qual, justamente, deu o nome de *Cidadela*), quanto o narrador ficcional, pertencente a tal atopia, ou, além da presença de qualquer *topos*, pertencente a uma paratopia[5]: a inacessibilidade de um lugar próprio quando justamente se está vivendo a solidão deste lugar.

Em *À L'Ombre des Jeunes Filles en Fleurs*, Poulet (1992, p. 19) ressalta a seguinte fala, onde o personagem se perde em sua solidão:

N'ayant plus d'univers, plus de chambre, plus de corps que menacé par les ennemis qui m'entouraient, qu'envahi jusque dans les os par la fièvre, j'étais seul, j'avais envie de mourir.

"Escrever para não morrer"... tal como lembraram Foucault e Blanchot. O piloto aventureiro Saint-Exupéry, homem dos ares, rompendo os ventos, contava, por certo, com amigos muito distintos do mori-

[5] Dominique Maingueneau chama de "paratopia" a localidade ambivalente a qual o escritor, como sujeito na sociedade, ocupa. O campo literário, como uma instituição social, pode permitir uma legalidade ou controle da produção e consumo de livros, mas, por outro lado, não é possível comparar com outras corporações ou sindicatos sociais e profissionais. O campo literário ocuparia, como diz Maingueneau, "uma negociação difícil entre o lugar e o não-lugar", uma vez que se espera do escritor (e ele legitima-se com isso), uma posição mito-ideológica de transgressão às estabilidades sociais. Esse assunto é complexo e tem muito que ver, também, com os estudos de Foucault sobre a noção de autoria. Foucault observa a autoria literária mais como um princípio de agrupamento de discursos, do que como uma designação à pessoa. É uma definição polêmica que até hoje gera toda uma armação de objeções e produz debatedores. O discurso produzido, no campo literário, não se atribuiria ao produtor e sim a um nome, então, o nome de autor não funciona exatamente tal como um nome próprio designa um indivíduo. Ou melhor dizendo, o autor seria uma função existente na cisão entre o escritor real e o locutor fictício. Por mais que um escritor opere um discurso transgressivo, este sempre é englobado por um modo de funcionamento institucional que, ao invés de rejeitar, precisamente "legaliza" essa posição de discurso. [Ver: MAINGUENEAU, Dominique. A paratopia do escritor. In: *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. E também: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. Antônio Fernando Caiscais e Eduardo Cordeiro. Rio de Janeiro: Passagens, 1992.]

bundo Proust, que freqüentemente os alarmava, nos salões, com suas terríveis crises asmáticas.

Mas, por sua vez, no assunto da amizade, Saint-Exupéry escreve igualmente ao infinito, na névoa, na fragmentação da margem, rumo à solidão da escrita. Para o aviador há obstáculo, há o imprevisível da viagem, da leitura, porém, não raro, ausenta-se o *topos*, o limite inimigo, havendo, então, um laço de amizade com Blanchot e Foucault. Quando afinal, "... não é bom distinguir aquilo que te destrói daquilo que te funda, pois é o mesmo vento que esculpe a dunas e que as apaga [...], a mesma plenitude de amor que te acumula e te esvazia" (SAINT-EXUPÉRY, 1982, p. 254). E, não estará aqui, enfim, a parede filosófica que o separa dos amigos de Proust?

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles. O militar. In: *Sobre a Modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BAUMAN, Zygmund. A construção social da ambivalência. In: *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BENJAMIN, Walter. Una imagen de Proust. In: *Imaginación y sociedad*. Iluminaciones I. Trad. Jesús Aguirre. Madrid: Taurus, 2001.

BLANCHOT, Maurice. *Pena de morte*. Trad. Ana de Alencar. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____. La communauté littéraire. In: *La communauté inavouable*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1983.

_____. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DOSSE, François. Uma história serial. In: *A História em migalhas*. Dos Annales à Nova História. Trad. Dulce A. Oliveira Ramos. São Paulo: Unicamp, 1992.

FINKIELKRAUT, Alain. Porque somos tão morais. In: *A ingratidão*. A relação do homem com o hoje da História. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. Antônio Fernando Caiscais e Eduardo Cordeiro. Rio de Janeiro: Passagens, 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. A paratopia do escritor. In: *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora*. Reflexões sobre os preconceitos morais. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

POCA, Anna. La latencia o la ficción de verdade. Sobre el método del discurso de M. Blanchot, Δοκιμων *5*, Revista de Filosofia, Edición de Compobell, Universidad de Múrcia, 1992.

POULET, Georges. *O espaço proustiano*. Trad. Ana Luiza B. Martins Costa. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

PROUST, Marcel. *Sur la lecture*. Complexe, 1987.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Tierra de hombres* Trad. Eduardo J. Paz. Buenos Aires: Troquel, 1964.

_____.*Cidadela*. Trad. Rui Bello. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. *Escritos de guerra*. Trad. Vera Guimarães Duarte. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.